

A GÊNESE SOCIAL DOS CONFLITOS PSÍQUICOS¹

Vincent de Gaulejac – Universidade de Paris 7, Denis-Diderot, França

Tradução por Norma Takeuti² – UFRN

RESUMO

Como levar em conta *o social* num *trabalho sobre si*? Na etiologia de certas perturbações psíquicas, os fatores sociais têm um importante papel, tanto quanto os fatores sexuais e afetivos. É o caso da “neurose de classe”, cujo quadro clínico se caracteriza pelos conflitos vividos pelas pessoas que, na renegação ou na ruptura, encontram-se confrontadas com uma mudança de classe social (ascensão ou descensão). Os grupos de implicação e de pesquisa centrados na temática “Romance familiar e trajetória social” permitem explorar como as histórias individuais são influenciadas pelo contexto social no qual elas se inscrevem.

Palavras-chave: Neurose de classe - Irredutível psíquico - Irredutível social.

RESUMÉ

Comment prendre en compte *le social* dans un *travail sur soi*? Dans l'étiologie de certains troubles psychiques, les facteurs sociaux jouent un rôle aussi important que les facteurs sexuels et affectifs. C'est le cas dans “la névrose de classe” qui caractérise le tableau clinique des conflits vécus par les personnes qui, dans le reniement ou dans

la rupture, sont confrontés à un changement de classe social (ascension ou déclin).

Les groupes d'implication et de recherche centrés sur la thématique “Roman familial et trajectoire sociale” permettent d'explorer en quoi les histoires individuelles sont influencées par le contexte social dans lequel elles s'inscrivent.

Mots clés: Nevrose de classe - Irréductible psychique - Irréductible social.

INTRODUÇÃO

Como levar em conta *o social* num *trabalho sobre si*? Questão central, não totalmente nova, mas frequentemente deixada à margem na maior parte das terapias. Freud (1969, p. 81) defendia o ponto de vista de que não se pode conceber uma psicologia puramente individual:

O contraste entre a psicologia individual e a psicologia social ou de grupo, que à primeira vista pode parecer pleno de significação, perde grande parte de sua nitidez quando examinado mais de perto. É verdade que a psicologia individual relaciona-se com o homem tomado individualmente e explora os caminhos pelos quais ele busca encontrar satisfação para seus impulsos instintuais; contudo, apenas raramente e sob certas condições excepcionais, a psicologia individual se acha em posição de desprezar as relações desse indivíduo com os outros. Algo mais está invariavelmente envolvido na vida mental do indivíduo, como um modelo, um objeto, um auxiliar, um oponente, de maneira que, desde o começo, a psicologia individual, nesse sentido ampliado mais inteiramente justificável das palavras, é, ao mesmo tempo, também psicologia social.

Toda relação com o outro é, igualmente, de imediato e simultaneamente, uma relação social. O Eu não se constrói somente no jogo do desejo e do interdito do triângulo Mãe, Pai,

¹ Este texto sintetiza as teses que o autor desenvolve em obras editadas, particularmente, *Névrose de Classe* (1987), *Les sources de la honte* (1996) e *L'histoire en héritage* (1999). (Nota da tradutora).

² Profa. do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais/UFRN; Doutora pela Universidade de Paris 9 – Dauphine; Coordenadora Nacional do Comitê de Pesquisa (RC-46) Sociologia Clínica da Associação Internacional de Sociologia (ISA). Bolsista da Capes – Brasília/Brasil.

Criança. Os lugares sociais que uns e outros ocupam na sociedade são, igualmente, suportes à sua constituição. É assim que

a psicologia de grupo interessa-se assim pelo indivíduo como membro de uma raça, de uma nação, de uma casta, de uma profissão, de uma instituição, ou como parte componente de uma multidão de pessoas que se organizam em grupo, numa ocasião determinada, para um intuito definido (FREUD, 1969, p. 82).

Houve um abandono, em grande parte, das conseqüências teóricas e práticas desta concepção. De algum modo, ocorreu uma “dessocialização”, ou melhor, uma “dessociologização” dos processos psicológicos, em nome de um reducionismo psicologizante no desenvolvimento da psicanálise e nas terapias que tendem a reduzir o peso do passado às primeiras relações infantis. Como observa Castel (1981, p. 158): “*estabeleceu-se um consenso de forma a fazer da criança em cada homem, a chave-do destino pessoal e o princípio explicativo essencial de sua história*”.

Dessa maneira, exclui-se da análise o fato de que toda relação afetiva tem como suporte uma série de relações socialmente determinadas. Não só as dimensões afetivas, mas também as dimensões ideológicas, culturais, sociais e econômicas, estão presentes nas primeiras relações. Cada um desses níveis não se encontram dissociados uns dos outros, na medida em que é na sua imbricação que se produz o sistema de *habitus* e o quadro referencial sobre os quais a criança vai encontrar o suporte da sua própria história. Se a psicanálise permite-nos compreender os elos entre as intenções conscientes e as inconscientes, ela nos fornece apenas uma explicação parcial, pois a dimensão social-histórica desses elos lhe escapa. É o que Reich (1970, p. 24) nos mostrou no momento em que ele salientava que a psicanálise permite compreender como as pulsões sádicas de um indivíduo conduzem-no à se tornar açougueiro, cirurgião ou detetive, isto é, a trajetória sócio econômica permite apreender porque certos indivíduos sublimam seu sadismo com a prática dessas profissões.

Vemos aí que toda pulsão é socializada de uma certa maneira e que os destinos pessoais são o resultado de uma combinação entre o psíquico e o social.

A Neurose de Classe

Na etiologia de certas neuroses, os fatores sociais têm um papel tão importante quanto os fatores sexuais e afetivos. É o caso do que denominamos *a neurose de classe*, a qual se caracteriza, no quadro clínico, como conflitos e perturbações psicológicos vividos pelos indivíduos que, na renegação ou na ruptura, são confrontados com uma mudança de classe social (ascensão ou descensão).

Não teremos espaço suficiente, no quadro deste texto, para apresentar um caso clínico, mas a literatura nos oferece uma quantidade importante de depoimentos autobiográficos de pessoas que procuram, por meio da escrita, contar a sua neurose para dela tentar se liberar. É o caso de Annie Ernaux (1974;1983)⁴, uma escritora que descreve a sua trajetória familiar e as dificuldades psicológicas encontradas na sua trajetória⁵. Filha de camponeses pobres, que se tornaram operários, em seguida, pequenos comerciantes de um bairro popular, Annie Ernaux é investida de um projeto parental no qual ela deve realizar uma ascensão a preço de um trabalho obstinado. A autora descreve, em minúcias, o custo psicológico desse percurso que lhe valeu humilhações, culpabilidade e feridas narcísicas, ao mesmo tempo em que enfrentava as dificuldades econômicas, sociais e culturais. É esse complexo, entre os conflitos de naturezas diferentes, ao mesmo tempo, sociais e psíquicas, que está no núcleo do seu sofrimento.

Na sua obra *Les armoires vides*, num belo trecho, Annie Ernaux (1974) evoca a sua chegada a uma escola particular, no momento em que inicia o secundário e o seu primeiro contato com “*gente bem educada*” dos “*bairros chics*”. Entre tantas novas práticas, ela deve se confessar, isto é, anotar todos os seus pecados, em uma folha, para ir confessá-los ao padre que lhe coloca questões sobre a sua “impureza”.

⁴ Algumas de suas obras encontram-se editadas na língua portuguesa. (Nota do tradutor).

⁵ Uma análise aprofundada foi publicada em nossa obra *La Neurose de classe* (Gauljac, 1987).

Saí de lá sentindo-me suja e só. Só eu, ninguém mais, passava os dedos no sexo, ninguém o olhava no espelho.... Se os outros também fossem como eu, ele [o padre] não teria feito tanta história. Nada a fazer, estava rejeitada, separada dos outros, por coisas imundas.⁶

Estas poucas frases mostram como a culpabilidade, associada aos aspectos sexuais, se apoia no sentimento de inferioridade, associado aos aspectos sociais. O “impuro” condensa não só a culpabilidade aferente ao prazer sexual, como também aquela que provém da diferença social que a separa dos outros. A invalidação da qual ela é objeto, por parte dos seus colegas e professores, devido à sua pertença a um outro mundo social, encontra-se reforçada pela emergência da culpabilidade, resultante do impulso sexual pubertário.

Só eu permaneço com o meu velho pecado inqualificável... Mistura de uma viciada suja, não toque nisso, balas roubadas, feijão raspado nas panelas dos operários de construção civil, devaneios balofos durante as aulas, e, sobretudo, os meus pais, o meu meio de bodegas sujinhos.⁷

A pertença ao seu meio social e a idéia de pecado estão, indissociavelmente, em relação: *“Algo de pegajoso e de impuro me circunda definitivamente ligado às minhas diferenças, ao meu meio”*. O seu *mal* é, ao mesmo tempo, o sentimento de *impureza* de origem sexual e o sentimento de ser mal-educada, que lhe é remetido por aqueles que são mais educados do que ela.

A partir desses diferentes elementos, convém refletir sobre a importância respectiva e a articulação entre os fatores psíquicos e os fatores sociais na neurose de classe. Sabemos que, para

Freud (1973, p. 175), a neurose é um conflito psíquico cujas raízes estão na história infantil, sendo a sexualidade, sempre, um dos pólos do conflito⁸.

Entre as causas que desencadeiam um processo neurótico, Freud salienta duas causas principais: a frustração e a incapacidade de adaptação à uma realidade, por fixação. Sem o intuito de minimizarmos a importância da sexualidade, enquanto um elemento motriz do desenvolvimento psíquico, formulamos a hipótese de que, em um certo número de indivíduos, o surgimento da neurose pode estar associado, ou é provocado, por uma situação social de dominação. Assim, a frustração pode desenvolver-se a partir do momento em que a criança constata que os seus pais são dominados ou invalidados devido à sua pertença de classe, que outras crianças são bem mais providas que ela, que as suas maneiras de ser ou de falar (seus *habitus*) são manipuladas pelos outros, com o intuito de lhe remeter uma imagem negativa, provocando-lhe uma desvalorização narcísica. Do mesmo modo, a incapacidade de adaptar-se a uma realidade, por fixação, que Freud (1973, p. 177) definiu como *“um conflito da criança entre o [seu desejo] de permanecer tal qual ela é e o seu esforço para modificar em função de novos desígnios e das novas exigências da realidade”*, corresponde à situação de crianças confrontadas com a necessidade de adaptar-se a dois mundos sociais diferentes e opostos. Esse é o caso também de imigrantes da segunda geração, os quais se vêem submetidos às injunções contraditórias, tal como: *torne-se um homem ou uma mulher bem integrado(a) na sociedade em que vive, ao mesmo tempo em que você deve permanecer fiel às tradições da sua família, dos seus ancestrais e do seu país de origem*⁹.

A Articulação entre o Social e o Sexual

Não se trata, porém, de opor o social ao sexual na etiologia das neuroses ou de provocar

⁶ *“J'en suis sortie et seule. Il n'y avait que moi, personne d'autre ne glissait le doigt dans le quat'sous, personne ne le regardait dans une glace... Si les autres avaient été comme moi, il n'aurait pas fait un tel foin. Rien à faire, j'étais rejetée, coupée des autres, par des trucs immondes”*.

⁷ *“Moi seule je reste avec mon vieux péché inclassable... Mélange de sale vicieuse, touche pas à ça, bonbons volés, cassoulet gratté dans les gamelles des ouvriers du chantier, rêveries mollasses pendant l'école et surtout mes parents, mon milieu de boutiquiers cracas”*.

⁸ “Em particular sobre os tipos de entrada na neurose”.

⁹ Ver sobre essa questão a entrevista de Zahoua, realizada por Sayad (1979).

uma polêmica no sentido de avaliar o peso respectivo desses diferentes fatores. Trata-se de analisar uma combinação, uma articulação, uma interação entre elementos de naturezas diferentes que se apoiam reciprocamente no desenvolvimento de perturbações psíquicas. A característica principal da neurose de classe é a de operar uma colagem entre os elementos sexuais e os elementos sociais no desencadeamento e na evolução de uma afecção psicogênica, sendo os primeiros afetos ligados às experiências sexuais infantis, correlativos dos problemas sociais conflitantes. O psiquismo e o social se implicam, mutuamente, num jogo de complementaridade dialética: *“Trata-se de contrários que se complementam no seio de um conjunto, através de um duplo movimento que consiste em crescer e se intensificar, tanto numa mesma direção, quanto em direções opostas, graças ao jogo das compensações”* (GURVITCH, 1962).

Assim, os conflitos de ordem sexual, essencialmente de origem psíquica, e os conflitos de ordem social, associados à uma mudança de classe, podem entrar em correspondência e se reforçar mutuamente, ou podem se compensar e se anular um e outro. No primeiro, o conflito corre o risco em se tornar neurótico, no segundo, o indivíduo terá encontrado respostas satisfatórias em diferentes registros para desembaraçar-se deles. É a razão pela qual uma mesma situação social não produz as mesmas respostas psíquicas, as quais, por sua vez, influenciam a natureza das situações encontradas. Confrontados com as mudanças de classes similares, certos indivíduos tornam-se neuróticos e outros não. Há a neurose a partir do momento em que os associados à trajetória social e os conflitos associados ao desenvolvimento psicosexual se apoiam reciprocamente e produzem um reforço mútuo. O psiquismo age como um filtro que toma no social os elementos que vão manter as inibições, reforçar as defesas, ampliar os conflitos internos; reciprocamente, os conflitos sociais, com aos quais o indivíduo é confrontado, modelam a sua personalidade, ressoam no seu funcionamento psíquico, sem que possamos estabelecer uma anterioridade das influências.

Esta concepção permite-nos sair dos debates entre as abordagens que consideram a neurose como um produto das contradições

sociais e aquelas que buscam a causa na hereditariedade genética ou na vulnerabilidade psíquica. A pesquisa de uma causa última, de um fator preponderante, conduz à uma concepção mecanicista do desenvolvimento individual. A neurose de classe é, ao mesmo tempo, o produto de conflitos sexuais, de conflitos relacionais e de conflitos sociais que se apoiam, uns nos outros, num sistema de influências recíprocas. *Não se trata, porém, de negar a especificidade e a autonomia relativa de cada uma das duas esferas, de defender que elas só podem funcionar em correspondências, em conjugações* (PAGÈS, 1993).

Na neurose de classe, a inibição sexual vem reforçar a inibição social e, reciprocamente, como se os diferentes elementos estivessem colados uns aos outros, sem que possamos determinar um elemento desencadeante exclusivo. Convém, portanto, desenvolvermos a reflexão sobre os nódulos sociopsíquicos, isto é, sobre as colagens de sentimentos, de afetos, de reações defensivas, de emoções, ligadas às situações diversas, e que se encontram amalgamados na psique. Evocamos, numa outra obra, esses processos a propósito da vergonha – *As fontes da vergonha* (GAULEJAC, 1996).

Conseqüências Clínicas

A exploração desses nódulos socio-psíquicos necessita do estabelecimento de espaços de trabalho específicos. Para este efeito, concebemos grupos de implicação e de pesquisa sobre o tema *Romance familiar e trajetória social* (GAULEJAC, 1999). Trata-se de explorar como a história individual é socialmente determinada, isto é :

- de analisar em que medida as trajetórias individuais, qualquer que seja o seu *irredutível singular*, são determinadas pelo campo social no qual elas se inscrevem;
- de mostrar como as relações sociais, tais como elas existem, em um dado momento (na sincronia), e tais como evoluem (na diacronia), influenciam a história e a vida psíquica de um indivíduo, isto é, a sua maneira de ser, de pensar, suas escolhas afetivas, ideológicas, profissionais ou econômicas;
- de apreender a dialética existencial entre o indivíduo, produto da história, e o indivíduo

que procura se posicionar como o sujeito dessa história.

A propósito, um dos participantes de um dos grupos de implicação e de pesquisa descreveu o seguinte:

Observei que a minha situação psicológica pessoal não era separável da situação sócio-econômica da minha família, que os mecanismos de identificação têm também o seu modo social, e que não é simplesmente o negócio do complexo de Édipo que me travava. Esta abordagem permitiu-me realizar plenamente que eu era, claro, o filho do meu pai e de minha mãe, mas que eu era também o filho de um camponês que se tornou operário e de uma doméstica que se tornou lavadeira e mãe de família, e que essa experiência social estava intrinsecamente ligado à história das minhas relações infantis (JONDEAU, 1982).

É toda a experiência biográfica de um indivíduo que marca o seu desenvolvimento e se constitui em um sujeito sócio-histórico. Nesse sentido, o inconsciente é apreendido, ao mesmo tempo, numa perspectiva freudiana e como um conjunto de condições sociais de produção de um indivíduo.

De fato, o inconsciente não é senão o esquecido da história que ela mesma produz, realizando as estruturas objetivas que ela engendra nessas quase-naturezas que são os *habitus*. História incorporada, feita natureza, e por isso mesmo esquecida, enquanto tal. O *habitus* é a presença atuante de todo o passado do qual ele é produto (BOURDIEU, 1980).

Esta dimensão social do inconsciente pode ser, particularmente, identificado nos indivíduos que mudam de posição social. Quer seja no “novo rico” que se posiciona num outro lugar que aquele de onde ele vem, quer seja no indivíduo “fora da classe” (social) que interiorizou *habitus* não conforme à posição objetiva que ele ocupa, pode-se aí ver em que medida as situações sociais engendram os conflitos. Uma interpretação puramente psicológica só vem ocultar a gênese social dos conflitos psicológicos.

Tal problematização inscreve-se numa disciplina em construção: a Sociologia Clínica. Sociologia, visto que se pretende apreender a

dinâmica das contradições sociais e o peso das regularidades objetivas do social intervindo sobre os “destinos” individuais. Clínico, porque a análise dos processos sociopsicológicos só será completamente válida, isto é, verificada e valorizada, na medida em que a verificação dos métodos científicos tradicionais corresponda à uma experiência vivida e para a qual a hipótese fornece um sentido e uma coerência.

O sentido, enquanto possibilidade para os indivíduos implicados em tal *démarche*, de compreender os elos que unem a história do seu grupo de pertença, a história da sua família e sua história pessoal, é compreendendo que eles são o produto dessa história e que eles poderão desenvolver a sua função de historicidade, isto é, a sua capacidade de analisar e de dominar os elementos que os constituem em sujeitos históricos. O trabalho sobre a história de vida é uma combinação entre um método sociológico, visto que se trata de identificar a evolução das relações sociais através das histórias individuais, e um método clínico, uma vez que os participantes são levados a utilizar esse conhecimento para melhor compreender o seu próprio “destino”.

Uma Metodologia Dialética

Os dispositivos metodológicos de um tal trabalho devem permitir conciliar as exigências contraditórias entre a pesquisa e a implicação, entre a preocupação da análise e a tomada em consideração da experiência vivida, entre o cuidado de objetivação e a escuta da subjetividade.

Nosso objetivo metodológico consiste em criar as condições para um duplo movimento, de distanciamento e de implicação, em cada etapa do trabalho. Distanciamento que permite objetivar a sua própria história e analisar em que medida ela é a expressão, ou melhor, a inscrição da evolução das relações sociais. Cada trajetória individual é o produto de evoluções que atravessam o conjunto dos membros de uma classe social, de uma cultura, de uma época. Trata-se de perceber em que medida os sofrimentos, as rupturas, os conflitos vividos são a expressão individualizada das contradições sociais e dos processos coletivos.

As hipóteses formuladas sobre os

componentes sócio-históricos da história individual só são válidas a partir do momento em que elas produzem sentido para a pessoa, ela própria. O quadro do seminário é construído para permitir uma leitura plural da história, num jogo permanente de desconstrução das oposições simples, as quais são, geralmente, subentendidas em grades de leitura habitual. Trata-se de um jogo de oposições complexas entre a psicologia e a sociologia, entre o individual e o coletivo, entre o emocional e o intelectual, entre o social e o psíquico, entre o verbal e o não-verbal, entre a implicação e a pesquisa, etc. Os participantes produzem as suas narrativas, à partir de sua própria história de vida, através da *démarche* da pesquisa clínica e da análise dialética. Os suportes metodológicos propostos visam a produzir um material sobre a história de cada um, material que é analisado pelo conjunto dos participantes; cada pessoa é, alternadamente, sujeito e objeto da pesquisa, até o momento em que esta oposição se transforma, para se tornar simultânea. O sujeito emerge na capacidade de desenvolver a compreensão das contradições que o perpassam e na capacidade de superar os conflitos que aquelas engendram.

O trabalho consiste, portanto, em aceitar a contradição como um elemento de sua prática existencial, em renunciar à ilusão do sujeito livre que espera de um trabalho pessoal o meio de resolução de todos os seus problemas e em renunciar, igualmente, à ilusão que a “salvação” pode advir de uma mudança socioeconômica, uma transformação através da qual produzir-se-ia inelutavelmente um “destino” menos problemático. O fato de analisar como o indivíduo é programado pela sua história em nada muda esta história. Por outro lado, isso pode mudar a sua relação com a história. Na consideração das dimensões sociológicas e históricas dos destinos pessoais – o seu e, igualmente, o dos outros participantes –, cada um pode compreender onde os diferentes fatores foram atuantes na sua vida, como eles contribuíram no seu posicionamento no interior de sua família e na sociedade. Isso lhe permite compreender concretamente que a realidade é apenas uma das formas do realizável, que o possível não se reduz ao provável.

Nossa *démarche* se situa na fronteira entre a pesquisa e a terapia. A maior parte dos exercícios que propomos aos participantes remete a um trabalho de localização: onde estou no desejo dos meus pais? Onde me situo na saga familiar? Onde me posiciono nas diferentes correntes ideológicas? Onde me encontro na estrutura social? Qual é o meu lugar na minha genealogia? Ele se apercebe, assim, que ele está lá, e lá, e lá, e que em cada uma dessas posições ele é, ao mesmo tempo, isso e aquilo. Nesse sentido, trata-se de um trabalho sobre os conflitos dos indivíduos na sua trajetória de vida e uma análise das contradições que os provocaram.

Para empreender uma tal *démarche*, é necessário que o participante esteja pronto a enfrentar uma posição contraditória, o que nem sempre é o caso. Um certo número de pessoas busca a terapia, justamente, porque elas não conseguem suportar a contradição. São tomadas pelo desejo, ou pela necessidade, de compreender as suas emoções, o seu sofrimento atual, aqui e agora. A necessidade imediata é a de desembaraçar-se de um passado que as contamina. Nesse caso, a idéia de que o Eu é o produto de uma história não lhes é aceitável, pois colocar em questão a história pode suscitar a rejeição do Eu, justo num momento em que esse Eu é o único ponto de ancoragem na realidade, o único meio de ação para dominar o que se é. Trata-se, aí, de uma questão de sobrevivência do indivíduo no situar-se « em si », antes mesmo de se posicionar numa história e nas relações sociais. É necessário, entretanto, que o indivíduo tenha o sentimento de um mínimo de autonomia do Eu, de distância em relação a si próprio, para que aceite ver onde ele é produto de uma história na qual procura se tornar o sujeito.

Se, por um lado, o nosso trabalho provoca questionamentos importantes nos participantes, por outro, não há aí uma finalidade terapêutica, na medida em que ele busca, primordialmente, produzir uma compreensão intelectual dos processos sociopsicológicos, e não a de oferecer um dispositivo de tratamento de indivíduos cujo mal-estar existencial é insuportável. Outrossim, ele é um lugar de formação e de pesquisa aberta aos psicoterapeutas e a todos os profissionais que desejam ampliar a sua escuta do *sofrimento*

social dos seus pacientes, bem como melhorar a sua compreensão dos processos sociais de sua prática.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre. **Le Sens pratique**. Paris: Ed. De Minuit, 1980.

CASTEL, Robert. **La Geste des risques**. Paris: Ed. de Minuit, 1981.

ERNAUX, Annie. **La Place**. Paris: Gallimard, 1983.

_____. **Les Armoires vides**. Paris: Gallimard, 1974.

FREUD, Sigmund. **Psicologia do grupo e análise do Ego**. São Paulo: Imago, 1969. (Obras Completas de Sigmund Freud, v. 18).

_____. **Névroses, psychose et perversion**. Paris: PUF, 1973.

GAULEJAC, Vincent. de. **La Névrose de classe**. Paris: Hommes & Groupes Éditeurs, 1987.

_____. **Les Sources de la honte**. Paris: Desclée de Brouwer, 1996.

_____. **L'histoire en héritage**. Paris: Desclée de Brouwer, 1999.

GURVITCH, Georges. **Dilétisme et sociologie**. Paris: Flammarion, 1962.

JONDEAU, B. Faire craquer l'impérialisme des théories psychologiques. **Groupe Familial**. n. 96, juillet 1982.

PAGÈS, Max. **Psychothérapie et complexité**. Paris : Desclée de Brouwer, 1993.

REICH, Willian. **Matérialisme dialéctique, matérialisme historique et psychanalyse**. Paris: Éd. De la pensée Molle, 1970.

SAYAD, Abdelmalek. Les enfants illégitimes. **Actes de la recherche en Sciences Sociales**. n. 25-26-27, 1979.